

FRONT

PARA O MUNDO

JOANA ASTOLFI ASSINA A CENOGRAFIA DE BADALADAS LOJAS E RESTAURANTES DE LISBOA

Por CAROLINA RIBEIRO

No raio mais agitado de Lisboa, entre os bairros do Chiado e do Príncipe Real, a artista portuguesa Joana Astolfi carimba a sua marca a cada punhado de passos. É o rosto por trás da cenografia da vitrine da Hermès, do restaurante Bairro do Avillez, da única loja de autor da rede A Padaria Portuguesa, da Casa Pau-Brasil, da André Ópticas e por aí vai. A cidade é miúda para tanta inventividade; Joana assina também o layout da tradicional loja de sabonetes Claus, no Porto, e já deu um tapa em mostras da Hermès em Paris e em Barcelona.

— Quero trabalhar de Portugal para o mundo. Tenho vontade de colocar o meu pezinho no Brasil como artista — sugere Joana, de 43 anos.

A começar pela certidão de nascimento, ela é fruto de um mix bem bom. Filha de uma portuguesa e de um brasileiro (“Minha mãe canta fado e meu pai toca percussão”, brinca), e neta de italianos, cresceu na ponte aérea Rio-Lisboa. Até os 20 anos, as férias aconteciam entre o Leblon e o Flamengo. Do Brasil, lembra-se do cheiro do perfume da avó; dos amigos do pai, entre eles, Tom Jobim; dos almoços regados a carne-seca e tutu de feijão; e do sítio da família em Petrópolis.

— Há uma bossa no jeito de ser dos cariocas, uma forma de levar a vida em que as pessoas não se levam muito a sério

FILHA DE UMA PORTUGUESA E DE UM BRASILEIRO, A ARTISTA CRESCEU ENTRE LISBOA E RIO: “MINHA MÃE CANTA FADO E MEU PAI TOCA PERCUSSÃO”



Execução da cenografia da Padaria Portuguesa (acima), no ateliê (ao lado) e a peça “ishells”



que eu adoro — afirma a artista, que trocou as idas e vindas ao Brasil para estudar Arquitetura no País de Gales.

No total, Joana morou 12 anos fora: Londres, Munique, Los Angeles e Veneza, onde trabalhou na Fábrica (braço criativo da United Colors of Benetton). De volta a Portugal em 2009, abriu o Studio Astolfi.

— Muitos ingredientes tornam a cidade um lugar perfeito para viver: temperatura boa, ritmo e calor humano — defende ela, que comanda uma equipe de 20 pessoas.

Pendurado no ateliê, um letreiro vermelho e amarelo com a frase “Bem-vindo ao circo” é a síntese do seu trabalho. No picadeiro particular, habitam um tamanco de gesso gigante, uma cabine telefônica dos anos 1930, um castelo de areia esculpido com botões e um fone de ouvido com conchas nas extremidades — o “ishells”, uma sátira à geração-iPhone.

— Antes, transformava o luxo em lixo. Hoje trabalho para um nicho sofisticado do mercado, não dá mais para fazer isso — diz ela. — A vitrine da Hermès é uma reinvenção de nós próprios. O sem-abrigo está na rua a deliciar-se com aquilo, enquanto uma senhora gasta milhões de euros para comprar uma bolsa. Toda gente tem direito a sonhar.

DUPLA GIRA

CHARLENE SHORTO
E CACÁ DE SOUZA
DESVENDAM
A COMPORTA

PORTUGAL SENSACIONAL

NOSSO GUIA DO
DESTINO DA VEZ

show